

Religiosa e advogada brasileira com atuação no Distrito Federal, Irmã Rosita Milesi, de 79 anos, é reconhecida pela ONU por sua incansável luta em defesa dos direitos humanos. Prêmio global será entregue em 14 de outubro, na Suíça

Vida dedicada aos refugiados e migrantes

» GIOVANNA SFALSN*

No Brasil, um país historicamente marcado pelo acolhimento a migrantes e refugiados, o caminho para a dignidade humana dessas populações sempre foi longo e difícil. Refugiados que fogem de guerras, perseguições políticas e crises humanitárias encontram aqui um abrigo, mas também enfrentam desafios diários, como a burocracia para a regularização de sua situação e a adaptação a um novo contexto social e econômico.

É nesse cenário que surge uma figura determinante: a religiosa e advogada Irmã Rosita Milesi, de 79 anos, vencedora global do Prêmio Nansen de 2024, concedido pela Organização das Nações Unidas (ONU). O prêmio é um reconhecimento ao seu trabalho incansável em prol da defesa e acolhimento de migrantes e refugiados no Brasil, ao longo de quase 40 anos de atuação. A religiosa é a segunda brasileira a receber essa distinção, seguindo os passos do cardeal Paulo Evaristo Arns, que foi laureado em 1985.

Ao longo de sua carreira, a também diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), no Varjão, organização que fundou em 1999, ajudou pessoalmente milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade, garantindo-lhes acesso a abrigo, alimentação, saúde, além de lutar pela integração social e a regularização de documentação no Brasil.

Nascida em uma cidade rural do Rio Grande do Sul, Rosita Milesi aprendeu, desde cedo, o valor da generosidade e do trabalho. Sua mãe, profundamente religiosa e solidária, oferecia ajuda a moradores de rua e imigrantes que passavam pelas estradas próximas à sua casa. Essa educação baseada na fé e na solidariedade guiou sua trajetória de vida e, posteriormente, seu trabalho com os refugiados.

Um dos grandes marcos da carreira da religiosa foi sua contribuição para a criação da Lei de Refugiados de 1997, que ampliou os direitos das pessoas forçadas a deixar seus países de origem. Seu trabalho junto ao Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) da

Divulgação: UNHCR/Marina Calderon



Irmã Rosita Milesi é diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), organização que fundou em 1999, em Brasília

ONU e ao governo brasileiro resultou na criação de uma estrutura legal para acolher essa população, garantindo proteção e inclusão para milhares de refugiados ao longo das últimas décadas.

“O Brasil não tinha uma lei nacional e eu já estava envolvida com o tema, pois havia colaborado nos anos anteriores com a acolhida aos angolanos. Não foi difícil incorporar profundamente a proposta da primeira lei de refugiados do Brasil e enfrentar todos os desafios em busca de aprovação”, afirma Irmã Rosita.

Entre os maiores desafios que enfrentou está a construção de um hospital sem nenhuma experiência na área, além de prestar assistência a estrangeiros presos em situações de extrema precariedade. O impacto de sua atuação foi especialmente significativo durante a crise de refugiados angolanos nos anos 1990, quando o Brasil recebeu mais de 2.300 pedidos de refúgio. Para Rosita, a maior satisfação em seu trabalho é ver essas pessoas retomando suas vidas em segurança e dignidade. “Ver uma pessoa que

fugiu de uma guerra ou de uma situação de violência extrema reconstruir sua vida é uma alegria que não tem preço”.

O prêmio será entregue em 14 de outubro em Genebra, na Suíça. Além da religiosa, outras quatro mulheres foram premiadas regionalmente. Dentre elas, a ativista africana Maimouna Ba, que ajudou a reintegrar crianças deslocadas à escola, e Jin Davod, uma refugiada síria na Europa que criou uma plataforma de suporte de saúde mental para refugiados.

Fotos: Ed Alves/CB/DA.Press



Alberto Nazareth, de 16 anos, relatou dificuldades para se adaptar ao idioma local



Vindos da Venezuela, os Warao Coromoto recebem aulas de idiomas na Escola Classe Café sem Troco



Santa Eduviges, 15 anos, relembrou longa jornada da comunidade pelo país até chegar ao DF

» HENRIQUE SUCENA*

De acordo com o DataMigra BI, base de dados federais sobre Migração e Refúgio do Ministério da Justiça e Segurança Pública, o Distrito Federal recebeu 214 solicitações de refúgio no primeiro semestre de 2024, vindas de 34 países diferentes. A vida desses imigrantes requer adaptação, mas há comunidades estrangeiras que encontram seus espaços e contam com o acolhimento do povo brasileiro para superar os obstáculos encontrados.

No núcleo rural Café sem Troco, um grupo de imigrantes foi acolhido pela comunidade local. Vindos da Venezuela, os Warao Coromoto foram recebidos pela Escola Classe Café sem Troco, onde têm aulas em português e espanhol e na própria língua Warao.

A oportunidade de aprender em seu idioma natal vem do Cacique Eduardo Vaz e de Ismena Del Valle Sánchez, dois membros da comunidade indígena que trabalham na escola como educadores voluntários. Ismena conta que, desde que chegaram, receberam ajuda para vender suas peças de artesanato e até com a construção de alojamentos, uma cozinha e um banheiro na comunidade. Outro ponto importante foi a introdução das crianças Warao à escola onde ela hoje ensina.

“Nos ajudaram com um pouquinho de dinheiro quando chegamos. Passamos três anos aqui e estamos conhecendo (o local). Tenho dois filhos, que não estavam estudando na Venezuela, e hoje eles estudam e estão aprendendo espanhol e português”, celebra Ismena.

Uma das alunas indígenas que hoje frequentam a escola, Santa Eduviges Lorenzana diz que não teve tantas dificuldades de adaptação. A convivência com os colegas brasileiros foi facilitada pela professora Maria Janerandra Pereira, que foi contratada para trabalhar no local por ser fluente em espanhol e hoje faz a mediação entre os alunos recém-chegados.

A menina de 15 anos lembra que, para chegar à capital federal, sua comunidade

Jornadas de quem vem de fora

Henrique Sucena



Na capital, o venezuelano Leynnon Giron conseguiu emprego como açougueiro

passou por outras cidades do país. Os Warao moraram temporariamente em lugares como Boa Vista, Manaus, Porto Velho e Rondonópolis buscando conseguir dinheiro o suficiente para continuar sua jornada.

Colega de classe de Santa, Alberto Nazareth, 16, diz ter tido dificuldades para se adaptar à nova língua. Além disso, o menino ainda lamenta que seu pai não tenha encontrado emprego na nova cidade, algo que tem sido um empecilho para a família. Apesar disso, o menino se mostra bastante grato pela oportunidade de estudar e por seus novos amigos brasileiros.

Oportunidade

Além da comunidade Warao, a crise na Venezuela também fez com que muitos outros cidadãos do país vizinho buscassem um novo lar no Brasil onde pudessem ter um recomeço, com melhores oportunidades. No Itapoã, alguns desses imigrantes encontraram uma chance de sustento no Mercado Del Lago. Funcionário do açougue do estabelecimento, Leynnon Giron está há quase dois anos no Brasil e diz que está começando a se adaptar à nova realidade.

“Minha filha hoje está na escola, mas ela também custou a se adaptar. Aqui falam um idioma, e ela veio só sabendo espanhol. Pouco a pouco, ela está falando mais. Hoje, depois de dois anos, já tem feito muitos amigos e tem aprendido português, fala melhor que eu”, explica o venezuelano.

Apesar de hoje ter conseguido o emprego que procurava, ele lamenta que passou por dificuldades na chegada ao novo país. Antes de chegar à capital, Leynnon e a família moraram em Chapecó (SC), onde chegaram a passar dois dias em situação de rua. Mesmo trabalhando, ele diz que acredita que, em Brasília, encontra menos oportunidades do que tinha em Santa Catarina, o que lhe deixa grato por sua ocupação atual.

Adaptação

Muitos jovens vêm ao país para estudar. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Acervo Pessoal



O hondurenho Gustavo Velásquez contou sobre dificuldades para se adaptar ao DF

Anísio Teixeira (Inep), são aproximadamente 19.700 estrangeiros que estavam registrados em cursos acadêmicos no Brasil em 2022. Um deles é o hondurenho Gustavo Velásquez, de 23 anos. Nascido em Tegucigalpa, capital de seu país, ele veio primeiramente para Goiânia e, em 2022, virou estudante de engenharia civil na Universidade de Brasília (UnB).

O jovem de Honduras, entretanto, diz ter encontrado diversas dificuldades para se adaptar ao DF. Além das questões financeiras com um custo de vida mais alto, ele lamenta que não encontrou em Brasília a mesma recepção

goiana. Velásquez afirmou que passou por experiências que dificultaram seu acolhimento na cidade, incluindo quando chegou e descobriu que a universidade não fornecia transporte aos estudantes na saída do aeroporto.

Assim como Velásquez, o guatemalteco Diego López de León, também de 23 anos, mudou-se para Goiânia antes de vir à capital federal. Estudante de engenharia aereospacial na UnB, ele nasceu em Quetzaltenango e, apesar de concordar com o hondurenho que a cidade goiana foi mais receptiva, ele diz que vê Brasília como um lugar acolhedor.

López afirma que ainda sente falta de coisas em seu país natal, como a comida e sua família. Esse sentimento de saudade é algo compartilhado por muitos imigrantes. Apesar disso, ele acredita já estar bem mais adaptado ao Brasil do que quando chegou em Goiás — ele está há três anos em solo brasileiro.

Condições necessárias

Professor do Departamento de Estudos Latino-Americanos do Instituto de Ciências Sociais na UnB e coordenador do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), Leonardo Cavalcanti compartilha a opinião de que esses imigrantes, quando chegam ao país, enfrentam dificuldades para se adaptar à língua e para achar acolhimento, além dos efeitos psicológicos da saudade do que deixaram para trás.

“Muitas vezes, os imigrantes vêm com uma visão diferente, gostam de outras comidas, adoram outros deuses e têm outros hábitos culturais. Essas pessoas vão ter que ir se adaptando e se integrando também à nova cidade, ao novo país. Portanto, é fundamental que a gente tenha as condições necessárias para que elas possam se desenvolver e minimizar um pouco essas dificuldades”, comenta Cavalcanti.

*Estagiários sob supervisão de Patrick Selvatti